

Rubens Barrichello e os GPs do Brasil de F-1 de acordo com o jornal “O Estado de São Paulo”¹

Dênis de LIMA²

Tiago de Paula OLIVEIRA³

Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo busca analisar a maneira como o jornal “O Estado de São Paulo” retratou o piloto Rubens Barrichello e suas performances nos Grandes Prêmios do Brasil de Fórmula 1 de 1993 a 2011. O artigo vai analisar quantas páginas o jornal dedicou ao piloto, qual o posicionamento das reportagens e das fotos, o uso de palavras positivas e negativas e como o tratamento a Barrichello variou ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Rubens Barrichello; Fórmula 1; Grande Prêmio do Brasil; O Estado de São Paulo.

INTRODUÇÃO

De acordo com o site “Terceiro Tempo”, Rubens Barrichello é o recordista absoluto em participações na Fórmula 1, com 322 largadas em 326 provas. Ainda de acordo com o mesmo site, as vitórias nas categorias anteriores chamaram a atenção, o que lhe permitiu estreiar na Fórmula 1 em 1993.

O piloto não teve um bom retrospecto nas corridas da Fórmula 1 realizadas no Brasil. Não completou a maioria delas, mas o jornal tratou resultados semelhantes de forma diferente. Um exemplo: na edição de 26/03/1993 do jornal “O Estado de São Paulo”, há uma reportagem sobre a corrida de Barrichello na quarta página do caderno de Esportes, no canto superior esquerdo (normalmente, o primeiro lugar que o leitor vê e, por isso, o mais importante da página).

Porém, aquela página não é a mais importante do caderno. Não é a primeira e, além disso, é uma página par: “...embora empírica, esta verificação indica que, para efeitos de distribuição

¹ Trabalho submetido ao Intercom 2013, na Divisão Temática 6 – Interfaces Comunicacionais, no Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte.

² Estudante do 2º semestre do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo Esportivo, email: denislima28@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo Esportivo, email: tiagodepauloliveira@terra.com.br.

dos textos pelas páginas: – as ímpares valem mais que as pares (RICARDO, 2003, pág. 43). Este raciocínio faz sentido considerando que a primeira coisa vista pelo leitor é a capa (uma página ímpar) e, toda vez que ele muda de página, a primeira coisa a ser vista será uma página ímpar.

O título da reportagem é “Câmbio da Jordan acaba com o sonho de Rubinho”. Somando isso aos trechos “...o jovem piloto paulista teve problemas na caixa de marchas e precisou voltar para os boxes. ‘O que eu mais queria era terminar a prova em Interlagos’, disse o piloto, emocionado com as manifestações de carinho da torcida...” e “Por outro lado, o GP do Brasil deu grande alegria para o piloto mais jovem da Fórmula 1. Além do respeito da própria equipe, que reconhece o talento e perícia do piloto, mesmo em sua segunda prova na categoria...”, nota-se que o jornal retrata Barrichello como alguém no começo de carreira que tinha tido um tropeço, e não por culpa própria, mas do carro.

O fato ao qual “O Estado de São Paulo” deu mais atenção foi a vitória de Ayrton Senna. Segundo o jornal, ele tinha vencido mesmo não tendo o melhor carro. Senna era tricampeão mundial e um herói para os brasileiros. Só por isso, já seria normal ele receber mais atenções que o então estreante Barrichello. O fato de ele ter vencido a corrida e de Rubinho não ter sequer a completado só acentuou a diferença entre eles, o que explica a “camaradagem” do jornal com Barrichello.

Quem escreveu a reportagem sabe que o leitor procurou um sentido no que leu e viu. O jornal direciona o leitor para uma determinada interpretação dos fatos. Isso é evidente porque a publicação não apenas relatou a corrida de Barrichello, que terminou por causa de problemas no carro, como fez questão de dizer que a torcida brasileira e a equipe dele na época gostavam do piloto: “Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos (ORLANDI, 2001, pág. 46)”.

“O Estado de São Paulo”, na edição de 27/03/2000, abordou a corrida no Brasil daquele ano já na capa. Não é um dos destaques da página, mas o título de uma das manchetes é: “Schumacher vence de novo em dia de frustração para Rubinho”. No texto da manchete há o trecho: “Seu companheiro de equipe, Rubens Barrichello, foi obrigado a abandonar a corrida por causa de problemas hidráulicos em seu carro, frustrando os 70 mil torcedores”.

As diferenças não acabam aí. O título da reportagem principal da primeira página do caderno de Esportes é: “Schumacher é show e Rubinho, frustração”. E a mesma reportagem recapitula o problema do carro que fez Barrichello abandonar a prova e reafirma que os 70 mil torcedores no autódromo ficaram frustrados por causa disso. Há outra reportagem sobre Barrichello na página 9 de Esportes (não está em posição de destaque), uma pequena menção a ele na página 10 e outra reportagem sobre o piloto na página 12.

As circunstâncias dos abandonos de Barrichello em 1993 e 2000 foram bem semelhantes. Então, por que todas essas diferenças? Por que o jornal colocou mais reportagens e em posições de maior destaque na edição de 2000? Somando todo o espaço ocupado por conteúdo relativo a Barrichello, ele apareceu em cerca de 335 cm² em 1993, e em cerca 810 cm² em 2000.

Por causa de Senna, Barrichello era apenas um coadjuvante para “O Estado de São Paulo”. Em 2000, a situação era diferente. Senna tinha morrido em 1994 e Barrichello passou a ser o melhor brasileiro na Fórmula 1. Ou seja, de acordo com o jornal, o público brasileiro procurava alguém para tomar o lugar de Senna – a reportagem da página 9 disse que Rubinho tinha perdido de vez a chance de ser um substituto de Senna na cabeça dos torcedores baseada na fala de um torcedor que estava na arquibancada do autódromo.

Problema de credibilidade igualmente na medida em que as entrevistas de testemunho (e em alguns casos também as de expertise) destinadas a autenticar os fatos são mais pretextos do que provas: a fragmentação da entrevista (brevidade no tempo e interrupção das respostas por comentários), a acumulação das testemunhas de opinião (entrevistas de rua) mais ou menos selecionadas em função do interesse das respostas, produzem um efeito de “entrevista-álbis” da informação (CHARAUDEAU, 2005, pág. 217).

Em 2000, Barrichello estava na Ferrari (equipe campeã do campeonato de construtores da Fórmula 1 no ano anterior) e, teoricamente, um brasileiro voltaria a ter chances de título, algo que não acontecia desde a morte de Senna. Isso provocou uma mudança do jornal na hora de retratar o personagem Barrichello: “A relação arquitetonicamente estável e dinamicamente viva do autor com a personagem deve ser compreendida tanto em seu fundamento geral e de princípio quanto nas peculiaridades individuais de que ela se reveste nesse ou naquele autor, nessa ou naquela obra (BAKHTIN, 2010, pág. 3)”.

Vale lembrar que havia outro fator que contribuiu para a diferença de tratamento: em 1993, Senna pilotava a McLaren e Barrichello, a Jordan. Por outro lado, em 2000, Rubinho era

da mesma equipe do piloto vencedor, fazendo com que o argumento “falha no equipamento” perca força.

Pode parecer estranho usar a palavra “personagem” (mencionada dois parágrafos atrás), mas vale lembrar que a pessoa Rubens Barrichello, assim como todas as outras, tinha várias nuances. Ele não era só piloto de Fórmula 1, tinha família, amigos, passatempos... o “personagem” Rubinho era o que o jornal “O Estado de São Paulo” retratava: o piloto de Fórmula 1, era a faceta de Barrichello na qual a publicação estava interessada, e mesmo isso acabou mudando. Em 1993 ele era só mais um, e em 2000, era o principal piloto brasileiro. Essa tendência influenciou bastante o jornal, que tratou de maneira bem diferente duas circunstâncias de abandono de corrida muito semelhantes.

O autor visa ao conteúdo (tensão vital, ou seja, ético-cognitiva da personagem) enforma-o e o conclui usando para isso um determinado material, no nosso caso verbalizado, subordinando esse material ao seu desígnio artístico, isto é, à tarefa de concluir uma dada tensão ético-cognitiva (...) A forma não pode ser entendida independentemente do conteúdo...(BAKHTIN, 2010, pág. 177).

O jornal não se limita a contar o que aconteceu, usa fotos que complementam o conteúdo e colocam a reportagem no lugar que lhes for mais conveniente. Por exemplo, nas reportagens sobre o GP Brasil de 1994 há uma grande foto de Senna saindo do carro na parte superior da página. Abaixo, uma foto menor de Schumacher, um pequeno texto resumindo a corrida (o título era “Senna erra e Schumacher vence”) e uma linha sobre o 4º lugar de Barrichello.

Essa maneira de proceder se encaixa no pensamento de Wolf (2012). Segundo ele, o conceito de “newsmaking” se refere àqueles que fazem a configuração final da página (no caso do jornal impresso) e/ou da ordem das notícias, assim como do que vai ser manchete. Eles fabricam o que vai ser notícia.

Ou seja, o jornal (ou então, as pessoas que elaboraram e aprovaram a configuração final daquela edição) consideraram a Fórmula 1 como um dos assuntos mais importantes do dia, colocaram o abandono de Senna como o fato de maior importância na corrida, depois a vitória de Schumacher e, por último, o 4º lugar de Barrichello.

Quem quisesse saber mais detalhes da corrida teria que ler o caderno de Esportes. Primeira página, metade de cima: vitória de Schumacher. Na mesma página, na metade de baixo: 4º lugar de Barrichello, com uma foto do piloto sendo carregado pela equipe – o resultado garantiu a Rubinho 3 pontos no campeonato, mais do que ele tinha feito em todo o ano anterior.

A ordem, a posição e o tamanho das notícias tentavam direcionar o leitor da maneira que a publicação julgasse a mais conveniente.

A segunda página do caderno de Esportes tinha uma charge retratando a alegria de Barrichello e a terceira, uma propaganda de uma marca de sorvete parabenizando o piloto. Senna só foi mencionado na página 7 e Barrichello ainda apareceria em outras páginas do caderno. A capa do jornal prioriza Senna porque, pelas razões expostas acima, ele chamava mais a atenção do que Barrichello. Entretanto, no caderno de Esportes, Rubinho aparece antes e mais vezes porque foi o melhor brasileiro na corrida.

Em 1993 e 1994, Barrichello era ofuscado por Senna. De 1995 a 2005, ele foi o melhor piloto da Fórmula 1 entre os brasileiros. De 2006 a 2008, o piloto era ofuscado por Felipe Massa. 2009 foi a temporada na qual Barrichello chegou o mais perto de se tornar campeão de Fórmula 1. Depois disso, perdeu importância para o jornal. É natural que o recordista em participações na categoria passasse por várias fases distintas e o jornal “O Estado de São Paulo” acabou influenciado por isso na hora de escrever sobre o piloto e seu desempenho nas corridas. É isso que este artigo se propõe a mostrar.

OBJETIVO

O objetivo deste artigo é realizar um estudo sobre como o jornal “O Estado de São Paulo” retratou as performances de Barrichello nos Grandes Prêmios de Fórmula 1 de 1993 a 2011. O objeto de pesquisa são as reportagens sobre as corridas acima mencionadas, sendo 19 ao todo. Todas são edições de segunda-feira, que descrevem a corrida realizada no dia anterior.

OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

Este artigo avalia: quanto espaço o jornal dedicou a Barrichello em cada edição pesquisada – todas as que foram publicadas nas segundas-feiras imediatamente depois dos GPs do Brasil de Fórmula 1 de 1993 até 2011; se o jornal se limitou a relatar os acontecimentos, ou se emitiu opinião; uso de palavras positivas e negativas; o posicionamento do conteúdo relativo a Barrichello; e como e porque aconteceram mudanças no tratamento dado às performances de Barrichello.

JUSTIFICATIVA

Foi decidido analisar o tratamento do jornal “O Estado de São Paulo” dado às performances de Barrichello nos GPs do Brasil porque o jornal é um dos que tem as maiores tiragens do país (quase 264 mil exemplares por dia); as corridas de Fórmula 1 no Brasil atraem bastante os fãs brasileiros do esporte (como o próprio jornal disse, 70 mil torcedores nas arquibancadas em 2000); e porque Barrichello, devido a longa carreira dele na Fórmula 1 e por ser o melhor piloto brasileiro da modalidade durante muitos anos, esteve na mídia por bastante tempo (ainda está, mesmo depois de já ter saído da categoria).

A teoria de Bakhtin (Análise do Discurso) foi escolhida para este artigo porque o discurso do jornal em relação ao desempenho de Barrichello e ao próprio Barrichello mudou bastante ao longo do tempo (isso vai ser mostrado abaixo) e essa teoria é a que melhor pode explicar a maneira e o motivo dessas mudanças terem acontecido.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização da pesquisa foram adotados 3 processos metodológicos:

- 1) Pesquisa bibliográfica: encontrar a teoria que melhor servisse para explicar o discurso empregado pelo jornal “O Estado de São Paulo”.
- 2) Pesquisa documental: análise de edições de jornais que abordam as corridas da Fórmula 1 realizadas no Brasil de 1993 a 2011.
- 3) Tabulação de dados: verificar quanto espaço cada edição dedicou a Barrichello, uso de palavras positivas e negativas, posicionamento das reportagens e se o jornal emitiu opinião ou se apenas descreveu os fatos.

Os dados foram organizados em tabelas para se obter uma ideia geral da mudança do discurso do jornal ao longo do tempo.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O artigo analisou 19 edições do jornal “O Estado de São Paulo”. Todas elas foram publicadas nas segundas-feiras imediatamente depois das corridas.

Os dados foram organizados em tabelas, que mostram:

- Desempenho na corrida, ou seja, em que posição Barrichello terminou as corridas.
- Número de páginas na edição (somando todas as reportagens, fotos e propaganda mencionando Barrichello).
- Posicionamento do conteúdo no jornal (as páginas nas quais reportagens e fotos estão localizadas).
- Posicionamento do conteúdo nas páginas (em que parte da página estão localizadas reportagens e fotos).
- Número de palavras positivas e de palavras negativas: certas palavras nas matérias receberam essa classificação quando as reportagens as usaram para acrescentar valor positivo e/ou negativo a Barrichello (ou ao seu desempenho). Um exemplo: o título de uma das reportagens sobre o GP do Brasil de 2004, mais especificamente sobre o desempenho de Barrichello, foi “Aplausos, apesar da decepção”. A palavra “Aplausos” foi considerada positiva, pois indica que Barrichello foi reconhecido pelo que fez na corrida; a palavra “decepção” remete à tristeza e a reportagem afirma que o público ficou decepcionado porque Barrichello não venceu a prova (chegou em terceiro).

Há algumas siglas com as quais é preciso se familiarizar para entender as tabelas. Estas são as designações em relação às páginas onde as reportagens estão localizadas:

- **1ª página:** conteúdo localizado na capa do jornal.
- **E1:** página 1 do caderno de esportes. A letra “E” aparecendo seguida de um número significa que é uma página pertencente ao caderno de Esportes. “E2” significa página 2 do caderno de Esportes e assim por diante.

Também há as siglas relativas ao posicionamento do conteúdo na página, ou seja, se está do lado esquerdo, do lado direito, em cima, em baixo etc:

- **S/D:** Sem Destaque – Barrichello é apenas mencionado de passagem, é uma das últimas coisas que o leitor veria na página.
- **CSE:** Canto Superior Esquerdo – quando o conteúdo relativo a Barrichello está na parte de cima da página, do lado esquerdo. As três abreviações seguintes seguem a mesma lógica desta.

- **CIE:** Canto Inferior Esquerdo.
- **CSD:** Canto Superior Direito.
- **CID:** Canto Inferior Direito.
- **LD:** Lado Direito – conteúdo está no lado direito da página, ocupando-o totalmente, ou então, não ocupando os cantos. A abreviação seguinte segue a mesma lógica desta.
- **LE:** Lado Esquerdo.
- **PS:** Parte Superior – conteúdo se localiza na parte de cima da página, ocupando-a totalmente, ou sem ocupar os cantos. A abreviação seguinte segue a mesma lógica desta.
- **PI:** Parte Inferior.
- **M:** Meio – está no meio da página, ou próximo de lá, designa localizações de conteúdo que não se encaixam em nenhuma situação acima.

TABELA 1

JORDAN / STEWART	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Desempenho na corrida	Abandono	4º lugar	Abandono	Abandono / Rodada	Abandono	Abandono	Abandono
Espaço ocupado na edição do jornal (cm²)	335	2039	231,3	1105,5	0,151	269,5	438
Posicionamento do conteúdo no jornal	E2, E4	1ª página, E1, E2, E3, E8, E9, E10	1ª página, E4, E5	1ª página, E1, E6, E7, E8	1ª página, E9, E10	E7	1ª página, E1, E6, E8
Posicionamento do conteúdo nas páginas	S/D, CSE	S/D, PI, CID, PI, CIE, S/D, S/D	PI, CSE, S/D, S/D	M, PS, S/D, CID, LD, S/D, CSE ⁴ , S/D, S/D	S/D, S/D, PI	PS, S/D	S/D, CSE ⁴ , CID, PI, PS, S/D, S/D, S/D, S/D
Palavras positivas	2	5	0	2	0	1	2
Palavras negativas	1	1	0	2	1	0	2

A primeira tabela designa os Grandes Prêmios do Brasil durante os quais Rubens Barrichello atuou pelas equipes Jordan (até 1997) e Stewart (até 1999).

⁴ É o box da reportagem localizada no canto superior esquerdo. O conteúdo sobre Barrichello não está exatamente no canto, é parte da reportagem localizada no canto.

“Abandono” significa que o piloto não terminou a prova por causa de problemas no carro. Os números usados em todas as tabelas para expressar o espaço ocupado na edição do jornal são expressos em valores aproximados. Vale lembrar que o ano de 1994 se destaca em relação aos demais porque foi o único em que Barrichello completou a corrida e porque a edição daquele ano é a que mais dá espaço a reportagens relacionadas a ele.

1993 e 1998 foram os anos nos quais o desempenho de Barrichello teve menor importância para o “Estado de São Paulo” no período 1993-1999, já que, ao contrário dos demais anos, não têm reportagem sobre o assunto na capa.

Dentro das páginas, o posicionamento não é tão bom, já que nenhum conteúdo aparece em lugares que o leitor olharia primeiro (em cima, na esquerda). Porém, o número de palavras positivas é o maior: cinco, e há apenas uma negativa, a única vez na tabela em que o número de palavras positivas superou as negativas.

Também há outros dados que convém ressaltar, mas não estão na tabela: em nenhuma das reportagens Barrichello apareceu como o personagem principal, já que não foi o vencedor das corridas, mas na maioria delas, foi o brasileiro que mais apareceu nas reportagens porque era o melhor piloto brasileiro de Fórmula 1 no período.

TABELA 2

FERRARI	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Desempenho na corrida	Abandono	Abandono	Abandono	Abandono	3º lugar	6º lugar
Espaço ocupado na edição do jornal (cm²)	809,5	1066,5	664,9	1157,2	1336,5	515,5
Posicionamento do conteúdo no jornal	1ª página, E1, E9, E10, E12	1ª página, E1, E6, E8, E9, E12	E1, E2, E6	1ª página, E1, E2	1ª página, E1, E7, E8	E8, E10
Posicionamento do conteúdo nas páginas	PI, M, PI, LD, S/D, S/D, M, CIE, LD	PI, PS, PI, LD, S/D, S/D, PS, M	CIE, LE, S/D	M, S/D, M, PS	M, CSE, PS, PS, CIE	S/D, PS
Palavras positivas	0	0	2	1	2	0
Palavras negativas	9	8	6	6	1	0

A segunda tabela começa em 2000 porque é o ano no qual Barrichello estreia pela Ferrari. O ano de 2004 se destaca porque foi a melhor colocação do brasileiro, não só no período 2000-2005, mas de todas as corridas no Brasil das quais ele participou. A edição de 2004 é a que mais dedica espaço a ele.

Em posicionamento no jornal, 2004 “ganha” de novo porque, apesar de estar empatada com 2000 e 2001 em número de páginas ímpares nas quais Rubinho é mencionado, ela se sobressai mencionando Rubinho na E7. As edições de 2000, 2001 e 2004 falam sobre Barrichello na capa do jornal e na do caderno de Esportes, mas, depois disso, só voltam a mencionar o piloto numa página ímpar quando chegam em E9. E7 vem antes de E9, e é provável que seja vista primeiro.

No posicionamento dentro das páginas, 2004 se “sai melhor”, pois as reportagens aparecem na esquerda e/ou nas partes superiores da página. Quanto a Palavras positivas x Palavras negativas, 2004 é o único ano em que o número de palavras positivas supera o das negativas.

De 2000 a 2003, Barrichello não completou a prova por causa de problemas no carro. Já em 2004, ele chegou em terceiro, mas mesmo assim a torcida tinha ficado decepcionada (segundo o jornal): ele tinha largado na pole-position e todos esperavam que ele vencesse – daí o motivo da reportagem do jornal dizer que todos se decepcionaram. No GP Brasil de 2005, Barrichello já não tinha chances matemáticas de título, não era o favorito para vencer a corrida e chegou em 6º lugar. Foi por isso que aquela edição deu tão pouca atenção a ele – o número de páginas e o posicionamento do conteúdo sugerem isso.

TABELA 3

PÓS-FERRARI	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Desempenho na corrida	7º lugar	Abandono	15º lugar	8º lugar	14º lugar	14º lugar
Espaço ocupado na edição do jornal (cm²)	0,23	0	0,945	7,03	0	37,54
Posicionamento do conteúdo no jornal	E4	Nenhum	E5	1ª página, E1, E2, E3, E4, E5	Nenhum	E1, E9, E10

Posicionamento do conteúdo nas páginas	S/D, M	Nenhum	CSD	CSD, PS, CIE, CID, CSD, S/D, LD, CIE, PI	Nenhum	S/D, PS, PS, PS, S/D, S/D
Palavras positivas	0	Nenhuma	0	5	Nenhuma	1
Palavras negativas	2	Nenhuma	0	6	Nenhuma	4

Em 2006, Barrichello deixa a Ferrari e se transfere para a Honda. Ele já não era o melhor brasileiro: estava ofuscado por Felipe Massa, cujo desempenho foi bem melhor que o dele de 2006 a 2008. Entretanto, isso mudou no ano seguinte.

2009 foi o ano em que Barrichello chegou mais perto do título. Era a primeira vez que o piloto chegava à penúltima prova do campeonato (o GP do Brasil era o penúltimo da temporada) com chances matemáticas de título. A edição de 2009 é a que mais tem páginas ímpares ocupadas por reportagens sobre Barrichello, o que evidencia a importância dada para a corrida.

Antes da corrida, a esperança era que Barrichello fizesse pontos o suficiente para levar a disputa pelo título até a última corrida. Porém, Button acabou levando o título no Brasil mesmo. As reportagens sobre aquele GP usaram palavras como “desânimo”, “frustração” e “decepção” para descrever o que a torcida sentiu.

A edição de 2011 foi a que mais deu espaço para reportagens sobre Barrichello – Sebastian Vettel, da Red Bull, já tinha conquistado o título com várias corridas de antecedência e o jornal falou bastante sobre Rubinho. De acordo com a publicação, aquela poderia ser a última corrida dele na Fórmula 1 e ele não conseguiu vaga na categoria no ano seguinte. Todas as tabelas mostram que a atenção do jornal “O Estado de São Paulo” dada a Barrichello é proporcional a sua performance. Ele nem chega a ser mencionado na edição de 2010, que se focou na disputa pelo título (campeonato estava no fim).

CONSIDERAÇÕES

Teoricamente, 3º lugar é melhor do que 4º. Então, por que o 4º lugar de Barrichello no GP do Brasil de 1994 foi tão festejado e o 3º, obtido em 2004 na mesma pista, foi recebido com tristeza? A expectativa da torcida responde essa pergunta. Barrichello só tinha marcado dois pontos em 1993 e havia outro piloto brasileiro, um tricampeão mundial. Quem esperava algo de

Barrichello em 1994 (antes da morte de Senna)? Entretanto, naquele GP do Brasil de 1994, os outros brasileiros já tinham abandonado. Só restava torcer para Barrichello.

Ao chegar em 4º lugar, ele já tinha superado todo o ano anterior na primeira prova da temporada (4º lugar valia 3 pontos). “O Estado de São Paulo” disse que o carro da Jordan (equipe de Rubinho na época) estava se tornando competitivo – há uma foto de Eddie Irvine, companheiro de Barrichello na época, andando na frente de Senna durante a corrida. A foto foi usada para reforçar o argumento de que a Jordan estava se tornando um carro melhor, o que aumentaria as chances de Rubinho conseguir bons resultados. Era mais ou menos como induzir o leitor a pensar: se naquela corrida Barrichello tinha ficado perto do pódio, o que ele não poderia fazer quando o carro evoluísse?

Em 2004, a situação era outra. A Ferrari já tinha garantido o título do mundial de construtores, Schumacher já era o campeão mundial e Barrichello tinha garantido o vice-campeonato. Não tinha porque a Ferrari favorecer Schumacher, como tinha feito em 2002 na Áustria (Rubinho recebeu uma ordem da equipe pelo rádio para ceder a vitória para Schumacher e ajuda-lo a ganhar o campeonato de pilotos daquele ano). E outra: Barrichello era o pole-position. Somando isso ao fato de estar na melhor equipe da época e não ter que ajudar Schumacher, Rubinho era o favorito para vencer.

Porém, a vitória não aconteceu. A palavra “decepção” foi usada pelo jornal para descrever o sentimento dos torcedores em 2004 e “frustração” (muitas vezes, em lugares de destaque), para descrever a reação da torcida em corridas que Barrichello não completou. Aliás, nos Grandes Prêmios do Brasil 2000 a 2004, a frustração da torcida é algo que aparece muito nas reportagens, em posições de destaque na página.

O jornal não se guiou apenas pela performance do piloto, também deu bastante atenção para a reação do público, cujo descontentamento não apareceu apenas na publicação.

Quem entrar na rede social “Orkut” vai encontrar várias comunidades dedicadas a ridicularizar o piloto, entre elas: “A pressa é inimiga do Rubinho”, com 878 membros, criada em 01/09/2004; “Eu odeio o Rubinho Barrichello”, com 2975 membros, criada em 19/10/2006; e “Aposenta Rubinho Barrichello”, com 1964 membros, criada em 01/12/2009.

Outro indício da existência do sentimento “Anti-Rubinho” é uma frase que aparece num texto do “Blog do Neto” (ex-jogador do Corinthians e comenta sobre futebol na TV Bandeirantes): “*Estou falando tudo isso porque sinceramente queria entender essa certa*

rejeição do povo brasileiro com o piloto Rubens Barrichello. Esse cara é um vencedor. Foi duas ou três vezes vice-campeão da F-1, venceu várias corridas, piloto recordista da categoria e pouca gente dá moral. A única coisa que o brasileiro sabe ficar tirando sarro”.

José Simão, na coluna dele na rádio “Band News FM”, falou sobre uma vitória do piloto no GP da Europa de 2009. Ele disse que Barrichello não poderia ter ganhado porque era o “nosso anti-herói”. De acordo com Simão, a vitória de Rubinho era uma catástrofe para o humor nacional e que só faltava Sarney ficar honesto, Ronaldo emagrecer e Edir Macedo devolver o dinheiro do dízimo. Ele ainda disse que Barrichello estava se beliscando porque não acreditava que tinha vencido: “São esses os efeitos perversos da máquina midiática: atores que são álibis para uma argumentação bloqueada numa encenação que está a serviço do espetacular. É o que se pode chamar de ‘um simulacro da democracia’ (CHARAUDEAU, 2006, pág. 199)”.

Depois do GP do Brasil no mesmo ano, quando Button ganhou o título, Simão disse que era normal Rubinho não ter ganhado e que ele não poderia vencer porque era o nosso anti-herói e tinha que fazer coisa engraçada. Ainda de acordo com o colunista, torcer para Barrichello era “coito interrompido”.

As informações mencionadas nestas considerações sugerem que havia um sentimento negativo em relação a Barrichello por ele não ter conseguido ser campeão da Fórmula 1 e que “O Estado de São Paulo” se focou bastante nisso enquanto ele era o melhor brasileiro no campeonato.

REFERÊNCIAS

Associação Nacional do Jornalismo (ANJ).

Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em: 27 jan. 2013.

BAKHTIN, M. **ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2005.

Esporte Interativo. Disponível em:

<http://br.esporteinterativo.yahoo.com/blogs/blog-do-neto/barrichello-um-%C3%ADdolo-esequecido-123958167.html>. Acesso em: 03 fev. 2013.

O Estado de São Paulo, Edição de 29/03/93 São Paulo, 1993.

O Estado de São Paulo, Edição de 28/03/94. São Paulo, 1994.

O Estado de São Paulo, Edição de 27/03/95. São Paulo, 1995.

O Estado de São Paulo, Edição de 01/04/96. São Paulo, 1996.

O Estado de São Paulo, Edição de 31/03/97. São Paulo, 1997.

O Estado de São Paulo, Edição de 30/03/98. São Paulo, 1998.

O Estado de São Paulo, Edição de 12/04/99. São Paulo, 1999.

O Estado de São Paulo, Edição de 27/03/00. São Paulo, 2000.

O Estado de São Paulo, Edição de 02/04/01. São Paulo, 2001.

O Estado de São Paulo, Edição de 01/04/02. São Paulo, 2002.

O Estado de São Paulo, Edição de 07/04/03. São Paulo, 2003.

O Estado de São Paulo, Edição de 25/10/04. São Paulo, 2004.

O Estado de São Paulo, Edição de 26/09/05. São Paulo, 2005.

O Estado de São Paulo, Edição de 23/10/06. São Paulo, 2006.

O Estado de São Paulo, Edição de 22/10/07. São Paulo, 2007.

O Estado de São Paulo, Edição de 03/11/08. São Paulo, 2008.

O Estado de São Paulo, Edição de 19/10/09. São Paulo, 2009.

O Estado de São Paulo, Edição de 08/11/10. São Paulo, 2010.

O Estado de São Paulo, Edição de 28/11/11. São Paulo, 2011.

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

Orkut. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=22273521>
Acesso em: 03 fev. 2013.

Orkut. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=364076>
Acesso em: 03 fev. 2013.

Orkut. Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=96528686>
Acesso em: 03 fev. 2013.

RICARDO, D. **Ainda bem que me pergunta**. Amadora: Casa das Letras, 2003.

Stats F1. Disponível em: <http://www.statsf1.com/pt/2006/bresil/classement.aspx>.
Acesso em: 27 jan. 2013.

Stats F1. Disponível em: <http://www.statsf1.com/pt/2007/bresil/classement.aspx>.

Acesso em: 27 jan. 2013.

Stats F1. Disponível em: <http://www.statsf1.com/pt/2008/bresil/classement.aspx>.
Acesso em: 27 jan. 2013.

Stats F1. Disponível em: <http://www.statsf1.com/pt/2009/bresil/classement.aspx>.
Acesso em: 27 jan. 2013.

Stats F1. Disponível em: <http://www.statsf1.com/pt/2010/bresil/classement.aspx>.
Acesso em: 27 jan. 2013.

Terceiro Tempo. Disponível em:
<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/quefimlevou/qfl/sobre/rubens-barrichello-5014.html>.
Acesso em 27 jan. 2013.

Uol Mais. Disponível em:
<http://mais.uol.com.br/view/1575mnadmj5c/buempa-rubinho-e-o-nosso-antiheroi-04023762D8B15366?types=A&>. Acesso em 03 fev. 2013.

WOLF, M. Teorias das Comunicações de Massa. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2012.

You Tube. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pAIx3dbsoIg>.
Acesso em 03 fev. 2013.